



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS/ LÍNGUA PORTUGUESA  
*CAMPUS SÃO BERNARDO-MA*

**LARICE CARVALHO FERREIRA**

**AS MARCAS DO EXISTENCIALISMO NOS POEMAS DE MARIA FIRMINA DOS  
REIS**

São Bernardo  
2022

**LARICE CARVALHO FERREIRA**

**AS MARCAS DO EXISTENCIALISMO NOS POEMAS DE MARIA FIRMINA DOS  
REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos/ Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para a obtenção do título de licenciada em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas

São Bernardo

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Carvalho Ferreira, Larice.

As marcas do existencialismo nos poemas de Maria  
Firmina dos Reis / Larice Carvalho Ferreira. - 2022.  
48 f.

Orientador(a): Francisca Marciely Dantas.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos  
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São  
Bernardo-MA, 2022.

1. Existencialismo. 2. Maria Firmina dos Reis. 3.  
Poemas. I. Marciely Dantas, Francisca. II. Título.

**LARICE CARVALHO FERREIRA**

**AS MARCAS DO EXISTENCIALISMO NOS POEMAS DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para a obtenção do título de licenciada em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa.

Aprovada em:        /        /

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas (IFAP)  
Presidente

---

Profa. Ma. Geisiane Dias Queiroz (UFPI)  
Examinador externo

---

Prof. Dr. Fabrício Tavares de Moraes (UFMA)  
Examinador interno

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus por permitir sua concretização. A minha família, por sempre me apoiar nos estudos. A Professora Mestra Francisca Marciely Alves Dantas, pelas suas estimadas orientações.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus pela concretização deste trabalho e por mais um ciclo que se finda na minha vida, pois devo tudo a Ele e sem a Sua ajuda, nada do que está se realizando no momento, se realizaria.

Meus sinceros agradecimentos vão, também, para toda a minha família, em especial, a minha mãe Maria Odi Carvalho Ferreira, que sempre me deu apoio e incentivo para continuar meus estudos, acreditando em meu potencial, até mesmo quando eu não acreditava.

Não posso deixar de agradecer ao apoio e parceria de minha querida orientadora, Profa. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas na construção desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que sempre me incentivou para prosseguir com essa monografia e jamais desistiu de mim, até mesmo quando eu queria desistir, mostrando-se muito mais do que apenas uma orientadora. Não há como esquecer que ela foi psicóloga e amiga nos tempos de crise interior, além de bastante paciente e compreensiva comigo.

E por fim, quero mencionar também minha gratidão a todos os meus colegas de turma LLC/2016 e amigos, que no decorrer de todo esse trajeto acadêmico compartilhamos juntos muitos momentos inesquecíveis e jamais deixaram de acreditar em mim, em especial, a minha irmã Ana Paula Carvalho Ferreira e minha amiga Selma, pois foram minhas parceiras cruciais na minha trajetória acadêmica e juntas sempre cuidamos, apoiamos e incentivamos umas às outras em qualquer situação.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo buscar resquícios da filosofia de Sartre nos poemas de Maria Firmina dos Reis (2018), com o intuito de elaborar uma análise existencialista que enfatize a questão da liberdade e angústia presentes nos poemas selecionados, a saber, “Melancolia” (2018) e “Súplica” (2018). Desse modo, temos como objetivos específicos: a) Apresentar um pouco sobre a vida de Maria Firmina dos Reis; b) conceituar liberdade e angústia na perspectiva sartreana; c) identificar os estágios da consciência *ser-em-si*, *ser-para-si* e *ser-para-outrem*. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de caráter bibliográfico qualitativo, na qual se espera, por meio da interdisciplinaridade entre a filosofia e a literatura, uma compreensão acerca da condição humana e do existencialismo, na forma em que ele está representado nos referidos poemas de Maria Firmina dos Reis, tendo como embasamento teórico a filosofia de Sartre (2014). Dessa forma, foi possível perceber questões relacionadas às marcas do existencialismo, tais como a angústia, a liberdade e os estágios da consciência (*ser-em-si*, *ser-para-si*, *ser-para-outro*), os quais estão nas entrelinhas da produção poética da escritora maranhense, trazendo, dessa maneira, uma grande contribuição para toda a comunidade acadêmica por se tratar de um estudo novo com o olhar totalmente diferenciado, pois aborda a interdisciplinaridade entre Filosofia e Literatura.

**Palavras-chave:** Existencialismo. Poemas. Maria Firmina dos Reis.

## ABSTRACT

This work aims to search for remnants of Sartre's existentialist philosophy in the poems of Maria Firmina dos Reis, with the aim of elaborating an existentialist analysis that emphasizes the issue of freedom and anguish present in the selected poems, namely, "Melancholia" (2018) and "Supplication" (2018). In this way, we have as specific objectives: a) Present a little about the life of Maria Firmina dos Reis; b) conceptualize freedom and anguish in the Sartrean perspective; c) identify the stages of consciousness being-in-itself, being-for-itself and being-for-others. The methodology used in this research was of a qualitative bibliographic character, in which it is expected, through the interdisciplinarity between philosophy and literature, an understanding about the human condition and existentialism, in the form in which it is present in the aforementioned poems by Maria Firmina dos Reis (2018), based on the philosophy of Sartre (2014). In this way, it was possible to perceive that throughout the analyzes it was possible to perceive issues related to the marks of existentialism, such as anguish, freedom and the stages of consciousness (being-in-itself, being-for-itself, being-for-itself). another), which are between the lines of the poetic production of the writer from Maranhão, thus bringing a great contribution to the entire academic community because it is a new study with a totally different look, as it addresses the interdisciplinarity between Philosophy and Literature.

**Keywords:** Existentialism. Poems. Maria Firmina dos Reis.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1. LITERATURA E FILOSOFIA: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES</b> .....	11
2.1 A origem da corrente existencialista.....	12
2.2 O conceito de liberdade e angústia na perspectiva de Sartre .....	15
2.3 Os estágios da consciência: <i>ser-em-si</i> , <i>ser-para-si</i> , <i>ser-para-outro</i> .....	20
<b>3. METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	23
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	25
4.1 Análise do poema “Melancolia” (2018) .....	25
4.2 Análise do poema “Súplica” (2018) .....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40
<b>Anexos</b> .....	42

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico intitulado “As marcas do Existencialismo nos poemas de Maria Firmina dos Reis” tem como principal objetivo fazer uma leitura existencialista a partir das considerações de Sartre, com o intuito de elaborar uma análise existencialista que enfatize a questão da liberdade e angústia presentes nos poemas selecionados, a saber, “Melancolia” (2018) e “Súplica” (2018). Assim, temos como objetivos específicos: a) construir aporte teórico acerca da corrente existencialista; b) conceituar liberdade e angústia na perspectiva sartreana; c) identificar os estágios da consciência *ser-em-si*, *ser-para-si* e *ser-para-outrem*

A pesquisa em relação à filosofia e à literatura partiu da indicação de minha orientadora, a Profa. Ma. Francisca Marciely, e do meu interesse em conhecer a fundo essa intrínseca relação entre Filosofia e a Literatura Maranhense. Dessa forma, a ideia pareceu bem interessante para se construir uma análise, ressaltando as principais características da filosofia existencialista nos poemas de Maria Firmina dos Reis, os quais foram selecionados apenas dois para serem feitas as devidas análises. Em ambos é possível perceber a angústia, a liberdade de escolha, a má-fé e outros temas tratados por Jean-Paul Sartre, em sua teoria sobre o Existencialismo.

As pesquisas se sucederam de forma bibliográfica, em leitura de livros, teses, dissertações e os próprios poemas da autora Maria Firmina dos Reis via *internet*, os quais serviram para levantarmos de dados de suma importância para a constituição desse trabalho. Para isso, focamos em alguns principais teóricos, tais como: Sartre (2014), que menciona a respeito da filosofia do existencialismo e sua importância para se compreender a existência humana, suas emoções, seus sentimentos, angústias, dores e a liberdade em continuar sofrendo ou não por algo; Huisman (2001.), o qual vai nos relatar sobre a vida e obra de Jean-Paul Sartre, desde a sua infância até a sua vida adulta, iniciando suas pesquisas sobre o existencialismo; Lusca e Horn (2006), que ressaltam sobre a corrente existencialista e um pouco sobre o filósofo Sartre, considerado o fundador da filosofia existencialista, dentre outros.

O trabalho em questão está dividido em três capítulos: o primeiro, “Literatura e Filosofia: Diálogos interdisciplinares”, apresenta uma breve discussão sobre a relação existente entre literatura e filosofia e contém três subtópicos: “A origem da corrente existencialista”, “O conceito de liberdade e angústia na perspectiva de Sartre”, e “Os estágios da consciência: ser-em-si, ser-para-si, ser-para-outro.”

O segundo capítulo, “Metodologia de pesquisa”, mostra o tipo de pesquisa e método utilizado para a realização desse trabalho monográfico, o qual foi uma pesquisa interdisciplinar de cunho literário com a metodologia de caráter bibliográfico qualitativo, e por último, “Resultados e discussões”, nos quais foram descritas as análises sobre os poemas selecionados. E nas Considerações finais colocamos nossas conclusões em relação ao trabalho monográfico e todo o seu percurso para encontrar as marcas da filosofia existencialista nos dois poemas já mencionados anteriormente no texto.

Desse modo, essa pesquisa justifica-se por se tratar de um estudo interdisciplinar, que mostra a integração entre duas áreas diferentes do conhecimento. Isso de alguma forma vai ampliar a discussão acadêmica em torno da temática, além de apresentar também um novo viés de pesquisa em relação a obra de Maria Firmina dos Reis.

## 1. LITERATURA E FILOSOFIA: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

Neste capítulo será discutida a relação existente entre a literatura e a filosofia, na qual sucederá a construção e desenvolvimento da corrente existencialista pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre, além de um aprofundamento do processo de início dessa corrente filosófica, que serão percorridos nos subtópicos: 1) A origem da corrente existencialista; 2) O conceito de liberdade e angústia na perspectiva de Sartre; 3) Os estágios da consciência: *ser-em-si*, *ser-para-si*, *ser-para-outro*.

De acordo com os autores Costa e Holanda (2019, p. 162), “as relações entre a literatura e a filosofia remontam de muito tempo, como é possível perceber no caso da *Poética*, de Aristóteles, em que o filósofo estagirita utiliza dramas trágicos, de Sófocles, [...]”. Dessa forma, é perceptível que a relação entre o campo da filosofia e da literatura já remonta há muito tempo, desde a Grécia Antiga, na qual Aristóteles, utilizando-se de dramas trágicos de Sófocles para refleti-los por meio da filosofia.

E para melhor explicar esse tipo de entrecruzamento de saberes, muitas vezes harmonioso ou não, os autores Araújo e Natário vão nos dizer que:

Aprendizado: assim tem sido a relação entre os campos disciplinares da filosofia e da literatura, tanto filósofos aprendendo com poetas, quanto poetas aprendendo com os filósofos, mesmo que, no momento embrionário desses campos e ao longo da história – mais por parte dos filósofos que o inverso –, este diálogo nem sempre fosse harmonioso. (ARAÚJO; NATÁRIO, 2016, p. 78).

Esse argumento evidencia que, apesar de alguns momentos divergentes entre ambas, mais por parte principalmente, da filosofia, quando, por exemplo, Platão expulsa os poetas da sua cidade perfeita e os acusa de imitadores, mesmo assim é possível sim um diálogo entre esses dois campos disciplinares, no qual um acrescenta ao outro, independentemente de seus diferentes pontos de vista em relação ao tema. Pensando nisso, Benedito Nunes, mencionado por Araújo e Natário, vai afirmar que “o elo da transa é a linguagem: “é ela, em que cabem a verdade, a mentira, o fingimento, o meio transacional do relacionamento entre o filosófico e o poético” (NUNES, 2010, p. 15, *apud* ARAÚJO; NATÁRIO, 2016, p. 85).

E segundo a concepção de Costa e Holanda (2019, p. 162), “a filosofia, assim, pela própria natureza, pode oferecer conceitos para o desenvolvimento da obra literária, como se dá desde a época dos manuais de retórica e poética”. A filosofia pode funcionar indubitavelmente como um fio condutor no desenvolvimento crítico e interpretativo de uma

obra literária, uma vez que esta já por natureza tem vastos conceitos a oferecer em acréscimo para o campo da literatura, pois com isso, “[...] a filosofia busca na literatura fontes do comportamento humano para desenvolver suas concepções em torno de ideias que *a priori* é base de qualquer manifestação humana, como se dá em assuntos sobre a felicidade, violência, amor ou virtude, os quais são evidenciados na obra literária” (COSTA; HOLANDA, 2019, p. 165). E com isso, uma vai contribuindo com a outra de forma, que os dois campos cresçam em conhecimento, principalmente sobre temáticas que envolvem o comportamento humano.

Deste modo, adentraremos agora no campo filosófico de Jean-Paul Sartre, o qual se encontra nos tópicos seguintes, já mencionados anteriormente, que discorrerão a respeito da corrente existencialista, deixando possível um melhor entendimento sobre a sua filosofia e obras mais importantes durante o decorrer de sua vida pessoal e profissional.

## **2.1 A origem da corrente existencialista**

O chamado existencialismo ateu surgiu a partir dos estudos aprofundados do filósofo francês Jean-Paul Sartre, porém antes de se falar da origem da filosofia existencialista por excelência, será pautado primeiramente, um pouco sobre a vida de Sartre, bem como algumas de suas obras mais importantes, com destaque para *O ser e o nada* (2016).

Sabe-se que Jean-Paul Sartre é natural da cidade de Paris, tendo nascido no dia 21 de junho de 1905 e de acordo com Lima (2010, p. 4), “[...] Após a morte de seu pai, sua mãe, Anne-Marie Schweitzer, foi morar em Meudon [...] a fim de viver na casa do avô materno de Sartre, Charles Schweitzer”. Então, é possível constatar que Sartre perdeu seu pai muito cedo, é de origem francesa e que na sua infância conviveu com seu avô.

E de acordo com o mesmo autor Lima (2010, p. 4), “em Berlim em 1933 ele estudou a fenomenologia de Edmund Husserl, as teorias existencialistas de Heidegger e Karl Jaspers e a filosofia de Max Scheler. A partir desses autores e suas principais referências Sartre criou filosofia existencialista”. Ou seja, foi somente a partir de estudos feitos por meio de outros filósofos como, Edmund Husserl, Heidegger, Karl Jaspers e Max Scheler que Sartre começou a se interessar por questões relacionadas à existência e a condição humana, no caso, o Existencialismo.

Percebe-se que a inquietação ao longo da vida de Sartre sobre a questão da liberdade, angústia, entre outros temas e até mesmo sobre a própria existência humana começa desde muito cedo, pois ainda jovem ele se interessa por filosofia e, conseqüente, por outras correntes existencialistas de teóricos famosos, os quais já foram mencionados

anteriormente, e com isso, ele cria a sua própria filosofia existencialista, se tornando um dos filósofos mais importantes de sua época, na França.

E segundo Luska e Horn (2006, p. 135), “[...] Sartre, sobretudo, tornou-se o mais famoso e polêmico dos filósofos existencialistas”. E para corroborar com a afirmação dos autores anteriores, Huisman nos diz que “foi o último dos ‘gigantes’ franceses da época moderna” (HUISMAN, 2001, p. 125), mostrando ainda mais o tamanho da importância como grande influenciador na disseminação do conhecimento a respeito do existencialismo sartriano.

Em relação às obras de Jean-Paul Sartre, Lima afirma que ele “publicou mais de trinta obras entre trabalhos filosóficos, romance e teatro, sendo que cada obra de Sartre tem uma história” (LIMA, 2010, p. 4). Assim, podemos constatar por meio da afirmação de Lima que ele escreveu também outros gêneros, tais como, romance e teatro, porém cada obra sua com uma história diferente por trás da inspiração de Sartre ao escrevê-las.

De forma um pouco mais explanada de algumas publicações de Sartre, os autores Luska e Horn vão nos falar que:

Foi, ainda, autor dos mais diversos gêneros literários, como ensaios, romances e teatro. [...] Os romances: *Caminhos da Liberdade*; *A náusea*; *O muro*; *A idade da razão*; *O diabo e o bom Deus*; As peças: *As moscas*; *Entre quatro paredes*; também compôs músicas, foi editor e jornalista da revista *Les Temps modernes*; escreveu para os jornais *Combat e Libération* [...] (LUSKA; HORN, 2006, p. 135).

Então, Sartre não se deteve apenas na filosofia existencialista, sendo autor de alguns gêneros literários já citados pelos autores anteriormente, além também de se envolver com música e ser editor de um famoso jornal daquela época “*Les Temps Moderns*”, que era envolvido em questões políticas. É certo que, cada uma de suas obras teve e tem sua importância até os dias de hoje, porém a sua obra mais importante de acordo com Lima (2010, p. 4), “é uma obra na qual Sartre aprofunda seu pensamento com relação à consciência humana como “um nada” em oposição ao Ser”.

E de acordo com Silva (1997), quando “[...] publicou, em 1943, *O Ser e o Nada*, [...] o seu pensamento existencialista já estava plenamente elaborado”. Ou seja, todo o pensamento de Sartre sobre o existencialismo e conseqüentemente sobre a essência da existência humana estão de forma profunda descritos nessa sua obra, pois o seu pensamento em relação à sua filosofia existencialista já estava completamente formado e com isso, descreveu todo o seu entendimento nessa obra, na qual explica também a consciência e a liberdade de escolha humana.

No momento, vamos nos deter somente no existencialismo propriamente dito por Sartre, no qual ele mesmo define da seguinte forma: “[...] por existencialismo, entendemos uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana” (SARTRE, 2014, p. 16). Desse modo, pode-se entender o existencialismo de Sartre como uma doutrina que desvela toda a verdade por trás de toda escolha humana e os meios que ele usou para chegar até determinado objetivo em sua existência.

E com isso, Huisman vai afirmar a respeito do existencialismo que “Os filósofos clássicos haviam colocado a essência antes da existência. Sartre foi o primeiro a postular sobre a primazia da existência sobre a essência: *A existência precede a essência*” (HUISMAN, 2001, p. 128, grifo do autor). Assim, enquanto para os outros filósofos clássicos anteriores a Sartre, a existência vinha depois da essência, para ele, primeiramente, o ser humano existe e depois constrói a sua essência no mundo, de acordo com as suas escolhas e emoções.

Segundo a perspectiva de Huisman (2001, p. 129), “Existir, para Sartre, é ter consciência desta “existência”, de um ser “existente”. Sem consciência, não há existência propriamente dita”. Pois, para o filósofo, primeiramente, para existir, parte-se de uma consciência, consciência essa que o homem precisa ter a partir do momento que se reconhece como único responsável por suas decisões.

Na concepção de Sartre (2014, p. 17-18), “existem duas espécies de existencialistas: os primeiros, que são cristãos, [...] e, por outro lado, os existencialistas ateus, entre os quais é preciso colocar Heidegger e os existencialistas franceses e eu próprio”. Dessa maneira, fica evidente que não existe apenas um tipo de corrente existencialista, mas duas correntes, uma que acredita na existência de Deus e outra que não acredita, e sendo que, o existencialismo cristão surgiu antes do existencialismo ateu.

Por isso, no existencialismo cristão Sartre menciona que “o homem individual realiza um determinado conceito que existe no entendimento divino” (SARTRE, 2014, p. 18), sendo, desse modo, levado a fazer suas escolhas não por sua própria vontade, mas movido pela vontade divina em sua vida, colocando Deus a frente de todas as suas decisões, independentemente da situação ou lugar em que se encontrar. Assim, o homem será sempre guiado pela vontade de Deus, pois acredita na existência dele.

E já no existencialismo ateu, segundo o ponto de vista de Sartre (2014, p. 19), “o existencialismo ateu que eu represento é mais coerente [...] mesmo que Deus não exista, há ao menos um ser cuja existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser

definido por algum conceito, e que tal ser é o homem [...]”. Isso mostra que o existencialismo ateu, o qual Sartre adere, diferentemente do outro que acredita na escolha do homem pela vontade divina, não importa se Deus existe ou não, pois independente disso, o homem é quem a partir da sua existência constrói a sua própria essência e é movido sempre por sua liberdade, sabendo que qualquer escolha que fizer, será por sua própria vontade e não da vontade divina.

Embora cada uma dessas correntes de existencialismo postule uma verdade diferente, os autores Luska e Horn vão certificar que “o que têm em comum é simplesmente o fato de admitirem que a existência precede a essência, ou, se se quiser, que temos que partir da subjetividade” (LUSKA; HORN, 2006, p. 139). Ou seja, diante de todos os fatos em que as ideias desses dois tipos de existencialismo se contrariar, porém, existe uma só verdade na qual os dois aderem, que é o fato de que primeiramente o homem existe, para depois construir sua essência de ser que surge no nada. Para Silva (1997, p.15), “Sartre entende por ‘existencialismo’ um ideário, ou uma posição filosófica, que torna possível dar um sentido à vida humana”.

## **2.2 O conceito de liberdade e angústia na perspectiva de Sartre**

O filósofo francês Jean-Paul Sartre, em sua filosofia existencialista trabalha diversos temas que condizem com a existência do ser humano, entre eles, a liberdade e a angústia, trazendo com isso, a sua própria ótica a respeito desses sentimentos tão vivenciados pelas pessoas, podendo escolher se continuam sentindo a angústia ou não. Como o existencialismo de Sartre é ateu, afirmando que Deus não existe e que exatamente por isso que o homem pode e deve tomar suas próprias decisões sem influência de ninguém, o homem é totalmente consciente que ele será o único responsável por suas atitudes. E como a própria autora Silva afirma: “Sartre conceitua a liberdade como uma condição intransponível do homem, da qual, ele não pode, definitivamente, esquivar-se, isto é, o ser- humano está condenado a ser livre e é a partir desta condenação à liberdade que o homem se forma” (SILVA, 2013, p. 94). Ou seja, o homem não é livre por consequência de outros fatores, mas sim por que já está condenado a viver assim, dono da sua própria vida, das suas escolhas, que podem ou não afetar a vida coletiva de quem vive ao seu redor, gerando certa angústia por ter a certeza de que tudo o que ele fizer ou deixar de fazer será total responsabilidade sua.

De acordo com Lima (2010, p. 12), “para Jean-Paul, a liberdade requer uma ação e toda ação, primeiramente é intencional”. É evidente que para o pensamento sartreano a liberdade parte de uma ação feita pelo ser humano, esta podendo ser de forma intencionada ou

não, podendo essa ser planejada para alcançar um certo objetivo ou simplesmente feita por acaso.

Para desvelar um pouco mais a despeito da diferenciação entre uma ação com intenção e sem intenção, o autor Lima menciona um exemplo do próprio Sartre que nos diz o seguinte:

O fumante desastrado que, por negligência, fez explodir uma fábrica de pólvora não agiu. Ao contrário, o operário que, carregado de dinamitar uma pedreira, obedeceu às ordens dadas, agiu quando provocou a explosão prevista: sabia, com efeito, o fazia, ou, se preferimos, realizava intencionalmente um projeto consciente. (SARTRE, 2008, p. 536, *apud*, LIMA, 2010, p. 12).

Pode-se observar claramente a grande diferença entre uma ação planejada e não planejada que é realizada por alguém no exemplo que nos foi dado por Sartre. No caso do fumante ele não agiu com consciência dos seus atos, mas o operário já sabia o que estava fazendo e tinha um objetivo a ser alcançado com a sua ação. É sabido que a liberdade gera a angústia, pois quando o ser humano toma consciência da liberdade de seus atos, surge nele uma angústia que o atormenta pela certeza que somente ele e mais ninguém responderá por suas atitudes, positivas ou negativas, em relação aos outros ou em relação a ele mesmo.

Isso é muito bem reafirmado por Silva (2013, p. 94): “A escolha revela a responsabilidade, diante de uma questão o homem deve optar por uma alternativa e por um critério pelo qual essa alternativa foi escolhida. A angústia significa optar entre alternativas que não possuem critérios externos à escolha”. Assim, fica ainda mais esclarecedor o que está por trás de toda esta escolha e como essa angústia é gerada dentro da pessoa.

Dessa forma, Lima afirma que “com a angústia descubro minha liberdade, e pela escolha torna-se livre de acordo com o que escolhi ser; ou seja, sou aquilo que faço de mim mesmo” (LIMA 2010, p. 14). É quando o homem se encontra mais angustiado em certas situações que ele descobre sua própria liberdade, tendo a certeza de ser livre e que pode escolher o que fazer dele mesmo, se continua sofrendo por algo, por alguém ou não, se continua vivendo ou se encara a morte, se quer viver com medo ou viver com coragem, pois todas as escolhas cabem unicamente a ele.

Para tratar sobre a questão da angústia de maneira mais profunda, o filósofo Sartre fez uma peça que mostrou esse sentimento, intitulada *Entre quatro paredes*, na qual tem como objetivo colocar três pessoas frente a frente, de forma ininterrupta, para “investigar a questão da liberdade à luz da peça teatral *Entre quatro paredes*, para que seja pensada a liberdade

individual-social do cidadão político engajado para a dignidade humana” (OLIVO; GRUBBA, 2010, p. 151).

Mediante isso, Sartre tenta mostrar de forma encenada a liberdade do próprio eu e a liberdade para o outro, na qual os personagens ao longo da peça percebem que o inferno são os outros, pois os personagens terão que conviver uns com os outros sem pausa, tornando o ambiente ainda mais insuportável e aos poucos vão ter que revelar entre si todos os seus medos e angústias, gerados por meio de suas próprias liberdades que os levou até naquele lugar. Nisso fica claro o quanto que o ser humano, por meio de sua liberdade, é totalmente responsável em escolher o que realmente quer ser, se quer ser visto como um corajoso, um medroso, ou qualquer outra característica, tendo como consequência o julgar do próximo, assim a partir desse julgamento do eu com o outro é como se estivesse vivenciando o próprio inferno.

Conforme Sartre argumenta a respeito da dualidade desses dois sentimentos interligados um ao outro: “é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser, é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão” (SARTRE, 2008, p.72, *apud*, LIMA, 2010, p. 17). Pois, é justamente quando ele toma a real consciência de sua estrita liberdade, isso acaba por gerar dentro dele, uma espécie de angústia que vai tomando de conta de todo o seu ser interior, causando, conseqüentemente, dúvidas que vão surgindo ao longo de sua vida, ou seja, é angustiante ter a certeza que somente você é responsável por suas escolhas e conseqüências, independentemente se serão boas ou ruins.

Nessa perspectiva, para corroborar com a ideia de Lima, as autoras Pereira e Mello dizem que “[...] a liberdade pode ser caracterizada como a escolha que o homem faz de seu próprio ser e do mundo” (PEREIRA; MELLO, S/A, p. 2). Então, esta é uma das principais características da liberdade tão bem descrita por Sartre, vivida prioritariamente pelo ser humano, podendo ser em relação somente a ele mesmo ou também em relação ao mundo ao seu redor.

Segundo Pereira e Mello, “cada ser humano tem sua própria liberdade de escolha, ainda que possua a consciência de que não lhe é permitido fazer apenas o que deseja; sabe que pode escolher, até mesmo não escolher, que é também, uma escolha” (PEREIRA; MELLO, S/A, p. 3). Com isso, fica explícito que a pessoa não pode fugir de suas escolhas, justamente porque até quando não escolhe já está fazendo uma escolha que é a de não escolher. Por isso, a vida das pessoas é feita de escolhas, das quais não se pode fugir, nem se esconder, tendo que encarar os resultados de suas atitudes, já que mesmo sabendo conscientemente que é livre

para escolher, deve entender que não se pode fazer o que se deseja e como bem mencionam Pereira e Mello (S/A, p. 2), “segundo a teoria existencialista de Sartre, somos obrigados a ser livres, não há determinismo [...]”. Ou seja, nada ou alguém da própria pessoa pode escolher além dela mesma, pois tudo o que acontecer no decorrer de sua vida, será somente por sua própria escolha e de mais ninguém. E com isso, “a angústia se dá através do reconhecimento de que os valores são individuais e únicos, e que pertencem a cada um e nada ou ninguém; seja Deus, a igreja, ou o partido político, pode de forma formar a si mesmo sem nenhuma Causalidade [...]” (KIERKEGAARD, 1968, *apud*, PEREIRA; MELLO, S/A, p. 4). Assim, é sabido que na tomada de decisões na trajetória de cada indivíduo não existe interferência alguma e de mais ninguém nelas, gerando então uma certa angústia nele pela certeza de que a sua escolha é individual e reflete exatamente os seus valores, seus anseios e principalmente, o seu eu interior.

E segundo o ponto de vista de Silva (1997, p. 83), “a angústia revela-me a mim mesmo como consciência, convencendo-me de que há artifício no ser, de que o nada acompanha o ser da existência”. Somente eu escolho o que sou, mesmo não escolhendo, já que a não escolha não me é permitido pelo fato de se tratar de uma escolha e nesse ponto que surge a angústia que está ligada com a consciência.

De acordo com Silva (2013, p. 94), “Sartre tem como ponto de partida a liberdade nas ações de escolher, o que fazer é sempre intencional, ou seja, é impulsionado por um desejo consciente dos princípios dessa escolha”. Deixando esclarecido, que o homem só faz uma escolha porque tem a liberdade de fazê-la, e a faz de maneira intencional com consciência do que realmente deseja alcançar e qual meta a cumprir em sua existência humana.

Seguindo ainda o mesmo direcionamento, Silva afirma que “a escolha revela a responsabilidade, diante de uma questão o homem deve optar por uma alternativa e por um critério pelo qual essa alternativa foi escolhida. A angústia significa optar entre alternativas que não possuem critérios externos à escolha” (SILVA, 2013, p. 94). Dessa forma, ao escolher, o indivíduo carrega sobre si mesmo uma responsabilidade diante daquilo que escolheu, ou seja, não coube e nem caberá a mais ninguém a tomada de suas próprias decisões, ocasionando assim, uma angústia ao ter certeza de que ninguém escolheu por ele.

A autora Silva afirma que “o pensamento de Sartre reflete a preocupação, dita existencial, de que o homem, posto no mundo pela sociedade, política, família, educação, ou hábitos adquiridos, está sempre, não num corredor estreito, ou num curral, mas numa encruzilhada de múltiplos caminhos” (SILVA, 1997, p. 15). Dessa maneira, o ser vivente está

mergulhado entre múltiplas escolhas divergentes, das quais não pode fugir e tendo que optar qual direção deverá seguir e como deverá seguir.

Para Sartre (1997), *apud* Pereira; Mello (S/A, p. 5), “o indivíduo tem receio que, através de sua liberdade de escolha, venha a tomar uma decisão ‘equivocada’, que afete irremediavelmente o curso de sua existência”. Por isso, essa sensação de liberdade torna-se, muitas vezes, perigosa se a pessoa não usufruir da liberdade que tem de forma responsável e consciente de até que ponto as suas ações irão atingir não somente sua existência, mas também a de outras pessoas de maneira negativa ou positiva.

Sendo de suma importância que o homem enquanto livre e consciente desta liberdade, saiba apesar de tudo, fazer uso dela de maneira responsável, pois como bem aponta Silva (2013, p. 96), “o homem age intencionalmente, premeditando a ação porque é livre, utilizando-se da razão, que o diferencia dos demais animais”. E é justamente por essa mente racional e consciente que o ser humano obtém que ele precisa diferentemente dos outros animais irracionais, agir com cautela de forma a planejar as consequências de seus atos, para assim, fazer um bom uso de sua liberdade.

De acordo com Silva (1997), “a liberdade é pesada. Tem caráter opressivo ao sobrecarregar os meus ombros com o peso do meu ser, e com o peso do mundo”. No momento em que uma pessoa em determinada situação necessita por fazer uma escolha e essa tem que ser feita de forma responsável e consciente, ela estará conseqüentemente carregando o peso de sua liberdade que afetará não só estritamente a ela, no seu eu interior, dependendo de suas emoções, mas que afetará também o mundo.

Assim, “a vontade só pode exercer-se baseando-se numa liberdade original, que lhe permite constituir-se como vontade, isto é, como decisão definida, relativamente a certos fins que ela deliberadamente se propõe atingir com determinados meios (SILVA, 1997, p. 85). Ou seja, partido desse pressuposto de que a vontade é baseada em liberdade original para então ser reconhecida como tal, o ser humano é quem realmente decide o que quer ser, como quer ser visto por outras pessoas e principalmente, cabe só a ele, os meios pelos quais vai utilizar para alcançar tais metas de sua existência.

E sobre a questão da consciência e da liberdade humana a teórica Silva vai nos falar que “a liberdade e a consciência se circunscrevem reciprocamente. A consciência, sendo um poder nadificador, repele o determinismo. Nenhum estado de fato motiva por si mesmo qualquer ato, nenhum ato pode levar a consciência a se definir e a se determinar” (SILVA, 1997, p. 87). Desse modo, a própria consciência por si só já deixa claro para o indivíduo que

as suas escolhas e suas ações partem somente dele e de mais ninguém ou de nenhuma outra situação, pois nada determina a liberdade de escolha que ele tem.

Citando novamente Silva, ela nos afirma que “qualquer tentativa de colocar a liberdade sob a tutela do ser termina provocando a angústia, pois revelará a insuficiência de ser, que é a realidade humana” (SILVA, 1997, p. 88). Sendo que, muitas vezes, dependendo da situação em que o indivíduo estiver passando, se torna até mesmo bastante difícil ter que lidar com a ideia de que somente ele pode fazer suas próprias escolhas e com isso imerge a angústia no seu ser interior, pois “a liberdade se explica como fundamento de todas as essências” (SILVA, 1997, p. 88).

É sabido que a liberdade se constitui como um fator que emerge do nada, pronto e acabado, somente para o ser humano fazer uso dela, por isso, ele é obrigado a ser livre exatamente por não ter escolha contrária, pois mesmo escolhendo não ser, mesmo assim já está fazendo uma escolha e com carga de responsabilidade que ocasiona uma angústia pelo peso de decidir sozinho em que estado de existência quer permanecer, além de planejar muito bem as consequências de seus atos que podem afetar de forma direta ou indireta o mundo.

Portanto, do mesmo modo que a liberdade surge do nada, o *ser-para-si* também o é, como afirma Silva (1997, p. 91), “liberdade e *para-si* são uma e a mesma coisa”. Ou seja, de alguma forma estão interligados por meio da consciência, sendo que é exatamente sobre os estágios da consciência que abordaremos no tópico seguinte, esclarecendo um pouco a respeito do *ser-em si*, do *ser-para-si* e do *ser-para-outro*.

### **2.3 Os estágios da consciência: *ser-em-si*, *ser-para-si*, *ser-para-outro***

O ponto crucial da filosofia existencialista de Sartre é tratar a respeito dos estágios que ocorrem na consciência humana, no caso, o *ser-em-si*, o *ser-para-si* e o *ser-para-outro*, que serão destrinchados ao longo deste tópico.

De acordo com Silva (1997), “partindo dos fenômenos, Sartre postula dois tipos de ser: o *ser-em-si* e o *ser-para-si*. Essa é a divisão sartreana das duas categorias fundamentais do ser [...]”. Então, esses são alguns dos pilares ontológicos da consciência do ser na qual Sartre mais foca, além também do *ser-para-outro*, que são detalhados na sua obra *O ser e o nada*, visto que trata a respeito de algumas questões relacionadas ao sentimento e emoções de pessoas por meio da angústia e liberdade de escolha, pois quando elas entendem que suas escolhas são responsabilidades e que essas escolhas irão afetar a vida de outras pessoas, então se encontra no estágio de consciência para-outro.

Assim, ainda seguindo a mesma linha de pensamento de Silva, no que tange a obra de Sartre, Pinto vai afirmar que:

Em *O ser e o nada*, Sartre havia postulado a existência de uma contraposição fenomenológica entre, de um lado, a opacidade das coisas, dos entes ou objetos do mundo, do ser-em-si, com sua viscosidade resistente ao sentido; e, de outro, a consciência individual, esse nada, essa pura vacuidade para-si que se abre para a experiência do objeto e o “nadifica”, transformando sua opacidade em ideia, sentimento – incluindo-se aí [...] até mesmo uma outra consciência [...] que será percebida também ela como objeto opaco e será “nadificada”. No encontro entre dois Nadas, entre duas consciências, portanto, uma resistirá à tentativa da outra de transformá-la em objeto, em Ser do mundo, em contingência, postulando assim uma necessidade [...] que, por brotar ao mesmo tempo desse encontro intersubjetivo e da exigência de que a consciência resista a se tornar “estamos condenados à liberdade (PINTO, 2000, p. 55).

Nessa perspectiva, é possível perceber que o *ser-em-si* e o *ser-para-si* estão interligados no ser, o primeiro não tem consciência de sua existência no mundo e do seu próprio eu, pois vive em um estado nadificado, sem consciência do que acontece a sua volta, existindo apenas para si mesmo. Já o segundo, o *ser-para-si*, o próprio ser tem consciência de si, reafirmando que o homem não tem outra opção, a não ser a de aceitar que está condenado a ser livre, pois este já torna o homem consciente das coisas no mundo e a sua volta. Tem também o outro estágio da consciência conhecido como *ser-para-outro*, nesse o homem além de ser perceber como ser existente no mundo, reconhece também o peso de suas responsabilidades e escolhas, essas podendo afetar ou não os outros em volta.

Na ótica de Lima (2010, p. 7), “o Ser-Em-Si é posto por Sartre como aquilo que é em si mesmo”. Deixando claro, que esse ser existe por ele mesmo, sem necessitar de algo para existir, pois como o mesmo autor vai afirmar: “o si é uma relação do sujeito consigo mesmo, é uma dualidade em si mesmo, mas esta é uma dualidade particular” (LIMA, 2010, p. 8). Ou seja, é uma relação do eu com o seu próprio eu interior, no mais íntimo do sujeito, encontrando-se em estado nadificado, como se fosse apenas um objeto que não interage com o mundo exterior.

Conforme Lima (2010, p. 9), “[...] o *Ser-Em-Si* não é livre, ele é um ser fechado em si mesmo como já vimos que ele não é passivo, nem ativo, sem qualquer relação fora de si, não derivado de nada, nem de outro ser”. “O *ser-em-si*, simplesmente é”. Ficando evidente, que ele apenas existe em si mesmo, não surgindo de nada ou de ninguém, sendo fechado em si mesmo no interior do consciente do homem.

Diferentemente do *ser-em-si*, o *ser-para-si* é uma relação para além do sujeito consigo mesmo, é uma relação com o exterior, pois nesse estado, o homem toma uma melhor

percepção de sua realidade, tendo plena consciência da escolha de continuar vivendo em um determinado estado emocional ou não, ou seja, abrangendo conhecimento do que acontece a sua volta. E segundo os teóricos Luska e Horn (2006, p.152), “à medida que o homem só toma consciência de si quando sabe que está só e no desamparo para forjar-se, e em estado só, ele percebe que terá que agir para buscar ser o que projeta *para-si*, então, as coisas serão o reflexo das decisões e dessa ação”. Com isso, fica evidente que nesse estado o ser humano se percebe no mundo enquanto pessoa e como tal, único responsável por suas decisões, que ao perceber isso, entra em constante desespero em ter a certeza de que independente do que ele fizer, terá que arcar sozinho com o que decidir.

A autora Silva afirma que, “conhecer, para Sartre, será sempre presença do objeto conhecido. Mas *o em-si* não pode em nenhum caso ser presença; o ser presente é o modelo do ser estático do *para-si*, que é a consciência” (SILVA, 1997, p. 78). Ou seja, antes do *para-si* o homem é apenas um objeto sem consciência sobre nada, mas quando surge o *para-si*, ele passa ficar consciente sobre o que acontece em seu presente.

Desse modo, o *ser-para-outro* já é algo mais elevado em comparação aos dois estágios de consciência que apenas faz o homem ter conhecimento das coisas a sua volta e do peso de sua própria responsabilidade acompanhada da angústia por ter certeza disso, no *para-outro*, a pessoa sabe que suas ações afetarão outras pessoas e que também é observado por elas. Como bem afirma Huisman (2001, p. 140), “[...] é para nós impossível apreender o outro, exceto percebê-lo no relâmpago fugaz de uma consciência instantânea, por uma percepção direta que nos permitisse a fusão imediata com o *ser para si* de *outrem*.” Ele deixa claro que o ser enquanto *ser-para-si*, constituído o presente vivido pela pessoa, passa a ser observado pelos outros e pouco pode perceber isso, pois a união entre a sua consciência *para-si* e *para-outro* é muito rápida.

Portanto, vimos que os três pilares ontológicos da consciência são interligados um ao outro, pois em um momento o homem pode se encontrar no estado de *em-si*, e outro no estado de *para-si* e em outro no estado de *para-outro*, dependendo de como ele se enxerga em sua existência humana. Em seguida veremos como aconteceu o procedimento da metodologia de pesquisa para a realização desse trabalho de conclusão de curso.

### 3. METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente trabalho de conclusão de curso trata-se de uma pesquisa interdisciplinar de cunho literário, na qual a metodologia utilizada nesta pesquisa foi de caráter bibliográfico qualitativo. Assim, buscaremos no decorrer deste estudo explanarmos por meio de embasamentos teóricos os seus significados, e por fim, explicar o processo das análises dos poemas.

Segundo o teórico Prodanov (2013, p. 43), “a pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada”. E foi justamente por um questionamento que esse trabalho iniciou, se era possível encontrar alguns dos temas tratados por Sartre no existencialismo nos poemas de Maria Firmina dos Reis.

Desse modo, Triviños afirma que (1987, p. 130), *apud*, Lara e Molina (S/A. p. 5), “o pesquisador deve iniciar sua investigação, apoiado numa fundamentação teórica geral, numa revisão aprofundada da literatura em torno do tópico em discussão. A maior parte do trabalho se realiza no processo de desenvolvimento do estudo[...]”. Ou seja, antes de pesquisar, precisa saber sobre o que vai pesquisar, e principalmente, em que seu foco estará pautado ou fundamentado para alcançar o objetivo geral do seu trabalho.

Existe também “a opção pela abordagem qualitativa é perfeitamente cabível quando a pesquisa a ser desenvolvida, requerer visão ampla do objeto que será estudado, e suas inter-relações no que diz respeito aos aspectos sociais, políticos e culturais.” (BRITO *et.al*, 2021, p. 4). Nessa perspectiva, ela se encaixa perfeitamente para tentarmos entender épocas diferentes da nossa, quando se trata da escritora maranhense e do filósofo francês.

A pesquisa bibliográfica é de suma importância para a qualitativa, pois de acordo com Fontana (2018, p. 66), *apud*, Brito *et.al* (2021, p.1), “[...] é a pesquisa bibliográfica que oferece o suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final”. É justamente por isso, que estamos utilizando esse tipo de pesquisa, pois a partir dela foi possível coletar, averiguar e abranger nossos referenciais teóricos fundamentais na construção do desenrolar dessa monografia.

Para a junção de todo o material necessário na compreensão deste trabalho, foram realizadas buscas em artigos monografias, teses e sites da internet que se no ponto de vista de Pizzani *et al.* (2012, p. 54), *apud*, Brito *et al.* (2021, p. 6) a pesquisa bibliográfica pode ser entendida como “[...] a revisão de literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico” e o levantamento bibliográfico pode ser realizado “[...] em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes”.

Prodanov (2013, p. 55), vai afirmar que “os demais tipos de pesquisa também envolvem o estudo bibliográfico, pois todas as pesquisas necessitam de um referencial teórico [...]”. Ou seja, independentemente do método de pesquisa adotado pelo pesquisador, ele sempre vai precisar utilizar de fontes bibliográficas para o desenvolvimento e eficácia de sua metodologia adotada.

No que tange ao *corpus* do trabalho monográfico, ou seja, as análises dos poemas, foram realizadas leituras e releituras de todos os poemas de Maria Firmina dos Reis do seu livro *Cantos à beira mar* (2018), dentre os quais escolhemos apenas dois poemas para serem feitas as análises: “Melancolia” e “Súplica”.

Ao longo de todo o processo, analisamos cada verso de cada estrofe dos poemas, sendo possível assim, encontrarmos vestígios da filosofia existencialista de Sartre nos escritos poéticos de Maria Firmina dos Reis, uma vez que o eu lírico demonstrava está se sentindo angustiado, despontando alguns dos temas do existencialismo, como a liberdade e escolha, bem presentes nas entrelinhas dos versos.

Assim, as análises feitas nos dois poemas decorreram do método de pesquisa de caráter bibliográfico qualitativo, que possibilitou de maneira eficaz a identificação das marcas do existencialismo nos poemas de Maria Firmina dos Reis, como já bem frisado desde o início do texto em pauta.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O principal objetivo nessas análises consistirá em buscar resquícios do existencialismo de Sartre nos poemas de Maria Firmina dos Reis. Os textos poéticos “Melancolia” e “Súplica” foram retirados da coletânea *Cantos à beira mar* (2008), que está incluída em *Úrsula e outras obras*, um livro publicado pela Editora Câmara. Os referidos textos literários serão analisados sob a perspectiva interdisciplinar, o qual enfatizará a intersecção entre a Literatura Maranhense e a Filosofia. A escolha dos dois poemas se deu justamente, porque neles a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis desponta os resquícios dos temas tratados pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre na sua corrente existencialista, como por exemplo, a angústia, a liberdade, a má-fé e os estágios da consciência, *ser-em-si*, *ser-para-si* e *ser-para-outro*.

Assim, ao longo das análises serão pautadas questões relacionadas às marcas do existencialismo, tais como a angústia, a liberdade, os estágios da consciência (*ser-em-si*, *ser-para-si*, *ser-para-outro*), as quais estão nas entrelinhas da produção poética da escritora maranhense.

##### 4.1 Análise do poema “Melancolia” (2018)

O poema “Melancolia” (2018) é composto por sete estrofes, cada uma contendo quatro versos, que ao todo formam vinte e oito versos no poema. A presença muito marcante de algumas características do Existencialismo do filósofo Jean-Paul Sartre nos escritos poéticos de Maria Firmina dos Reis evidencia reflexões em torno da condição humana.

No tocante a “Melancolia” (2018), *corpus* dessa análise, podemos perceber marcas da filosofia existencialista de Sartre já a partir do próprio título, em que o eu lírico pretende repassar para seus leitores e amantes da poesia literária maranhense uma ideia de como ele está se sentindo naquele determinado momento, pois a palavra melancolia nos remete a algo melancólico e triste. Segundo o dicionário *Jean Starobinski*<sup>1</sup> (2016, p. 18), melancolia significa “Tristeza, solidão, recusa a qualquer contato humano, existência errante”,

---

<sup>1</sup> A tinta da melancolia: Uma história da tristeza – Jean Starobinski. 7 de dezembro de 2016.

ou seja, o estado emocional em que ele se encontra é de grande decadência, transmitindo sentimento de tristeza e certa dor do seu viver.

Além disso, a escritora Maria Firmina dos Reis viveu na época do Romantismo, pois o poema em pauta contém características românticas, como por exemplo, a tristeza e a melancolia que como afirma Ribeiro (2010, p.7), “[...] praticamente todos os poemas românticos apresentam temáticas sentimentalistas, sendo as mais comuns relacionadas com a saudade, a tristeza e a desilusão. Os poemas expressam o sentimento do poeta, as suas emoções, e são como o relato de uma vida”.

Dessa forma, é possível perceber alguns desses atributos da corrente romântica logo de início no próprio título que é “Melancolia”, este, tendo uma intrínseca relação com o tema angústia tão discutido por Sartre, porque assim como o ser humano é livre para escolher se continua com o sentimento de angústia ou não, o eu lírico do poema de Maria Firmina dos Reis também pode decidir se quer continuar com o sentimento de tristeza e dor ou não.

Num primeiro momento, percebemos um eu lírico melancólico e triste, a ponto de desejar a própria morte, conforme observamos na primeira estrofe:

Oh! se eu morresse no calor da tarde,  
Da tarde amena... quando a lua vem  
Chovendo prata sobre lisos mares,  
Trajando as vestes que a pureza tem.

(REIS, 2018, p. 214).

Percebemos, dessa forma, que o eu lírico utiliza a forma condicional “se”, sendo notório que ele almeja uma condição para quando sua idealizada morte acontecer, ao utilizar as expressões “calor da tarde” e “tarde amena”. Assim, imagina o cenário natural que deve ocorrer sua morte, como por exemplo, no incidir do pôr do sol e surgimento da lua prateada sobre o mar, como que de alguma forma o eu poético desejasse com essa pureza da lua prateada, ser digno ao menos, no momento de seu falecimento, de algo ou de alguém, que em vida ele não se vê com tal merecimento.

Na segunda estrofe, o eu lírico, de alguma maneira, vai tentando justificar o motivo de tanto desejar a sua morte.

Então, talvez, eu merecesse afetos  
Desses que apenas alcancei sonhando:  
Talvez um pranto bem sentido, e triste  
Meu frio rosto rociasse – brando.

(REIS, 2018, p. 214)

O eu lírico inicia com o advérbio “talvez”, que acaba sendo uma palavra intermediadora entre a primeira e a segunda estrofe. Na primeira, ele deseja e imagina a forma de sua própria morte, levando-nos também a termos a mesma imaginação que ele.

Enquanto na segunda, ele já faz umas das justificativas de desejar a morte para si mesmo, ao dizer “[...] talvez eu merecesse afetos” (REIS, 2018, p. 214), transmite a ideia de que em vida ele não recebe reconhecimento de ninguém e que, talvez, somente com sua morte, merecesse algum afeto, ou seja, para ele a sua existência só teria sentido se de alguma forma passasse a ser percebido pelos outros e como não o é, deseja a sua morte.

No terceiro verso, o eu lírico diz que “Talvez um pranto bem sentido, triste” (REIS, 2018, p.214), utilizando mais uma vez a palavra talvez, indicando uma dúvida a respeito do seu imaginável falecimento, que se caso viesse a acontecer, ele não teria certeza se chorariam a sua perda ou se faria falta para alguém, encontrando-se em um estado de angústia. Assim, Sartre vai dizer que “É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser, é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão” (SARTRE, 2008, p.72, *apud*, LIMA, 2010, p. 17).

E no último verso da estrofe, quando ele fala “Meu frio rosto rociasse – brando” (REIS, 2018, p.214), o frio rosto tem o significado de uma pessoa morta, que por não ter mais vida encontra-se em estado gélido, esperando apenas ser encoberto por pranto e tristeza de outras pessoas que chorariam após sua morte, como se fosse um orvalho a tocar em seu rosto já frio. O eu lírico anseia sua morte, por estar se sentindo existencialmente triste. A sua esperança é que depois de morrer as pessoas dessem o afeto que em vida não recebeu. Assim, com relação a escolha e liberdade sartriana, o eu lírico está triste porque ele escolheu e não tem nada que justifique isso, pois é uma escolha dele. Na estrofe seguinte, ele somente reafirma a sua vontade de morrer, que ele já expressa desde o início do poema.

Sim, poetisa – mais te vale a morte  
Na flor da vida – a sepultura, os céus...  
Porque na terra teu sofrer, tuas mágoas,  
Martírios, dores só compreende – Deus.

(REIS, 2018, p. 214)

O primeiro verso da estrofe é iniciado com a frase “Sim, poetisa” (REIS, 2018, p. 214), entende-se que é como se o eu lírico nesse momento falasse para a própria autora Maria Firmina dos reis, afirmando que por causa de sua tristeza, desprezo e angústia em vida,

melhor seria que ela morresse logo, na esperança de que não se sentisse mais como estava se sentindo. Nos últimos versos o eu lírico afirma que o sofrer dele na terra somente Deus compreende e mais ninguém, com isso, ela escolhe continuar sofrendo em seu interior, pois, se quisesse não continuar sofrendo, poderia o fazer, já que tem o livre arbítrio para escolher os tipos de sentimentos e emoções que deseja continuar sentindo dentro de si ao longo de sua existência.

Nesse último verso do poema podemos perceber as marcas do Existencialismo cristão, pois o eu lírico afirma que suas dores só são compreendidas por Deus, deixando explícita a interferência divina em sua vida e até mesmo, de certo modo, colocando uma parcela de reponsabilidade tanto nos outros, quanto em Deus pela angústia que atravessa sua existência, porém vamos nos deter apenas no existencialismo ateu.

Na concepção de Silva (2013, p. 94), “a escolha revela a responsabilidade, diante de uma questão o homem deve optar por uma alternativa e por um critério pelo qual essa alternativa foi escolhida. A angústia significa optar entre alternativas que não possuem critérios externos à escolha”. Deixando claro, que a escolha de continuar sofrendo ou de querer morrer é somente do eu lírico e não cabe a responsabilidade a mais ninguém, tanto que ele se sente angustiando em sua existência por ter essa consciência de que suas escolhas cabem exclusivamente a ele.

Enquanto que, para o filósofo Sartre que apoia o Existencialismo ateu, este serve justamente para evitar esse tipo de situação, o homem que não assume suas próprias responsabilidades e as colocam para outros e até mesmo para Deus, sempre dependendo de uma interferência divina na sua vida e nas escolhas que faz, por isso, ele acredita que o ser humano precisa arcar com suas próprias responsabilidades de vida sem a interferência de Deus nas suas escolhas, na qual o eu lírico precisa arcar com suas próprias escolhas sem continuar a acreditar na interferência humana e de colocar suas responsabilidade para cima dos outros que o cercam.

Por isso ele vai afirmar que “o existencialismo ateu que eu represento é mais coerente [...] mesmo que Deus não exista, há ao menos um ser cuja existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito, e que tal ser é o homem [...]” (SARTRE, 2014, p. 19). Isso quer dizer que é a partir da sua existência que o homem no decorrer da vida vai construindo sua essência, no fazer de suas escolhas sem nenhuma interferência da vontade divina ou de outra pessoa.

E retomando ao poema novamente, o eu lírico deseja a morte por não se sentir reconhecido pelos outros, colocando assim, a sua existência como dependência dos outros,

tirando assim sua total responsabilidade em suas escolhas, no caso, justifica que anseia morrer por não receber atenção e carinho das demais pessoas, culpando-os assim da sua tão desejada morte.

Partindo para a estrofe seguinte, será notória a presença da existência melancólica e, conseqüentemente, do desejo pela morte nas entrelinhas de cada verso que compõe o poema de Maria Firmina dos Reis, pois o desespero do eu lírico parece ficar ainda maior em relação a sua vontade de morrer.

Oh! venha a morte no cair da tarde  
Roubar-me a vida, que a ninguém comove;  
Venha impassível... me penetre o seio,  
A crua fouce que sua destra move.

(REIS, 2018, p. 214).

É perceptível no primeiro verso da estrofe “Oh! Venha a morte no cair da tarde” (REIS, 2018, p. 214), que o eu lírico continua a desejar a sua própria morte, pois quer fugir da existência no sentido de não querer ter responsabilidade por tamanho anseio de morrer. Dessa forma, entra a questão da liberdade, visto que “para Jean-Paul, a liberdade requer uma ação e toda ação, primeiramente é intencional” (LIMA, 2010, p. 12). Nesse sentido, apesar do eu lírico ter a liberdade de escolher continuar vivendo ou não, ele joga toda essa carga para outras pessoas. Isso é visível quando, no verso seguinte, o eu lírico afirma o seguinte: “Roubar-me a vida, que a ninguém comove” (REIS, 2018, p. 214). Assim, fica bastante claro que o motivo de ele almejar morrer é justificado baseado no argumento de que sua vida não interessa ou sensibiliza a ninguém ao seu redor, colocando a sua escolha pelo desejo da morte na responsabilidade de outras pessoas.

No próximo verso, ainda relacionado à morte, o eu lírico diz: “Venha impassível... me penetre o seio” (REIS, 2018, p. 214), o qual nesse momento expressa toda a sua vontade de morrer, ou seja, é perceptível que o eu lírico clama pela morte e a chama para si, com o intuito de que sua tristeza tão constante por falta de afetos, venha a cessar com o seu falecimento.

E todo esse anseio do eu lírico para o encontro com sua morte torna-se mais nítido no último verso “A crua fouce que sua destra move”. Com isso, fica notável nesse verso que o anseio do eu lírico de morrer é tão grande e desesperador que ele clama para sua vida ser ceifada, ou seja, na sua angústia ele grita pela morte que, por mediante a o eu-lírico se sentindo tão angustiado que visa alívio somente no dia em que morrer e partir de uma vida tão triste, solitária e desprezível.

A estrofe posterior do poema vai ser uma continuação, visto que anteriormente o eu lírico parecia relatar o momento em que a morte estava indo ao seu encontro para tirar-lhe a vida, pois, por conseguinte, ele vai se imaginar como se já estivesse dentro do seu túmulo, conforme mostra o fragmento:

E o sepulcro! Tão gelado, e mudo,  
Eu o saúdo! companheiro nu!  
Oh! sim, sepulcro, te darei meus cantos,  
Se terno afeto me dispensas tu.

(REIS, 2018, p. 214).

É possível perceber nessa estrofe que o eu lírico desejava tanto sua própria morte que chegou a se imaginar morto, pois logo de início ele recria a cena da própria morte, como que estivesse dentro de seu túmulo, ao dizer no primeiro e segundo versos: “E o sepulcro! Tão gelado, e mudo / Eu o saúdo! Companheiro nu!” (REIS, 2018, p. 214). Assim, o eu lírico encontra-se tão desesperado que, conseqüentemente, não espera mais nada da sua existência, se não, o seu falecimento.

Esse sentimento de angústia do eu lírico chegar ao ponto de desejar a própria morte será ainda mais reforçado na estrofe seguinte, sendo possível encontrar outras marcas do existencialismo de Sartre nas entrelinhas de cada verso do poema da escritora Maria Firmina dos Reis. Observemos os fragmentos poéticos da escritora abaixo:

Na vida é estéril meu amargo canto;  
Um peito humano a me escutar não vem,  
Me apraz a campa, que em silêncio eterno,  
Bebe esses prantos, que a alvorada tem.

(REIS, 2018, p. 214)

No terceiro verso da estrofe acima o eu lírico fala: “Me apraz a campa, que em silêncio eterno” (REIS, 2018, p. 214), visualizamos um eu lírico que sente prazer a imaginar a própria morte. Isso evidencia o estado angustiante do eu lírico, pois o mesmo enxerga que sua vida não tem mais sentido, ou seja, se encontra no estágio da consciência *ser-em-si*, totalmente nadificado, não espera mais nada além da morte. Ele busca a morte porque acredita que não tem mais escolha, encontrando-se em extrema angústia, se sentindo um nada. Isso quer dizer que quando se identifica o estado da consciência *ser-em-si*, o homem não enxerga possibilidade de mudança. Conforme menciona Huisman (2001, p. 130), “existir ‘em si’, para o homem, é viver privado de consciência, sem interioridade, sem subjetividade, como puro objeto”, ou seja, parece que está vivendo como uma pedra que não tem consciência da sua

existência. E é exatamente dessa forma que o eu lírico, que preenche as páginas do poema de Maria Firmina dos Reis, se encontra.

Na sétima e última estrofes será possível perceber a má-fé e o embate entre a essência e a existência, pois o eu lírico se encontra em uma situação-limite, conforme evidenciam os versos a seguir.

Inda me resta o correr da vida  
Essa esperança de morrer... é só  
A que me alenta, que me guia os passos,  
Té que meu corpo se desfaça em pó.

(REIS, 2018, p. 214).

Nos dois primeiros versos da estrofe o eu lírico diz: “Inda me resta o correr da vida Essa esperança de morrer...é só” (REIS, 2018, p. 214), explicitando que a única esperança em sua vida é esperar a morte que tanto anseia, pois para ele não tem mais sentido continuar existindo. Dessa forma, Huisman vai enfatizar que “Sartre foi o primeiro a postular a primazia, a prioridade da existência sobre a essência: ‘A existência precede a essência’” (HUISMAN, 2001, p. 128). Isso quer dizer que antes de o homem se definir como tal, primeiramente ele precisa existir e somente depois, ao longo de sua vida, que vai construindo sua própria essência, de acordo com suas escolhas, pois ele tem a liberdade de escolher. Silva vai afirmar que “Sartre conceitua a liberdade como uma condição intransponível do homem, da qual, ele não pode, definitivamente, esquivar-se, isto é, o ser- humano está condenado a ser livre e é a partir desta condenação à liberdade que o homem se forma” (SILVA, 2013, p. 94).

No caso do eu lírico, na última estrofe percebe-se que ele se encontra em estado de má-fé, por não querer tomar outro caminho, ou seja, não realiza outra escolha além de querer morrer. Desse modo, ele não quer arcar com as responsabilidades de seus atos, preferindo continuar no estado de consciência *ser-em-si*, que não tem consciência de nada ao seu redor, ao invés de desejar o estágio do *ser-para-si*, que é quando o homem tem consciência das suas escolhas. É possível perceber, também, o estágio de consciência *ser-para-outro* quando o eu lírico realiza escolhas tendo como ponto de partida a percepção do outro em sua existência.

Portanto, no discorrer de toda a análise feita nas entrelinhas do poema “Melancolia” (2018), de Maria Firmina dos Reis foi possível identificar alguns dos temas do Existencialismo tratados por Jean-Paul Sartre, a saber, a liberdade de escolha e a angústia que é gerada com esse livre arbítrio, que adiante, será feita a mesma dinâmica de análise em outro

poema da escritora maranhense, o “Súplica”, no qual tentaremos encontrar algumas marcas da corrente existencialista em determinadas estrofes e versos que o compõem.

#### 4.2 Análise do poema “Súplica” (2018)

O poema “Súplica” (2018), composto por dez estrofes com sessenta versos, apresenta, a partir do título, um eu lírico que se encontra angustiado na vida e até mesmo incapaz de exercer a sua liberdade de escolha, ou seja, sem querer tomar suas próprias decisões, colocando-se em estado de *ser-em-si*. Na primeira estrofe, logo de início se percebe o reflexo do título nos primeiros versos do poema, os quais o eu lírico inicia fazendo uma súplica direcionada a Deus, que por sentir-se desesperado roga a ele que sua vida passe o mais rápido possível, conforme veremos na estrofe a seguir:

Dá, Senhor, que breve passe  
Sobre a terra – o meu viver;  
Bem vês, a flor desfalece  
Da tarde no esmorecer;  
Entretanto a flor é bela,  
É bela de enlouquecer.

(REIS, 2018, p. 193).

É perceptível nos primeiros versos em que o eu lírico diz: “Dá, senhor, que breve passe / Sobre a terra – o meu viver;” (REIS, 2018, p. 193), que ele faz um pedido desesperado a Deus pela morte. O eu lírico deseja que o seu viver sobre a terra seja o mais breve possível, mostrando o desespero e a angústia em que se encontra, buscando assim, um cessar desse sentimento através da morte.

Nos versos terceiro e quarto o eu lírico afirma: “Bem vês, a flor desfalece / Da tarde no esmorecer;” (REIS, 2018, p. 193), em que a expressão “bem vês”, empregada no início do terceiro verso da estrofe é como se alguém falasse para o eu lírico sobre a angústia que está passando e por ser tão grande, chega ao ponto de levá-la ao seu desfalecimento, ou seja, como que sua vida estivesse findando naquele momento por conta do sentimento de angústia destro de si.

Na estrofe seguinte, o eu lírico vai enfatizar ainda mais a sua tristeza em vida e o desejo de querer morrer por não mais amar a sua própria existência, definindo-a como árdua, mesquinha e dura:

Mas eu triste, – eu que na vida  
 Só hei provado amargura,  
 Que o sonho de um doce gozo  
 Não permite a desventura,  
 P’ra que amar a existência  
 Árdua, mesquinha e tão dura?!...

(REIS, 2018, p. 193).

Desse modo, o eu lírico no primeiro verso enfatiza ainda mais a sua tristeza, sendo que no verso seguinte ele vai justificar o porquê de estar se sentindo triste, afirmando que só provou amargura, ou seja, estava se sentindo amargurado justamente porque durante toda a sua vida não provou outra coisa, a não ser a angústia, despontando um dos temas da filosofia existencialista. A angústia é uma das temáticas tratadas na teoria existencialista de Sartre, a qual afirma que “[...] o homem é angústia [...] o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas o que escolhe ser, mas que é também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será a humanidade inteira, não poderia furtar-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade” (SARTRE, 2014, p. 21). Com isso, fica entendido que a angústia é sempre resultado da responsabilidade absoluta de uma determinada escolha, o eu-lírico que escolheu continuar triste e por ter consciência disso, se angustia.

Com isso, a autora Silva ainda em relação a esse tema, corrobora que “a angústia me revela a mim mesmo como consciência, convencendo-me de que há artifício no ser, de que o nada acompanha o ser da existência” (SILVA, 1997, p. 83). Ou seja, a partir do momento em que a pessoa se percebe como único responsável por suas escolhas é tomado por uma espécie de angústia, pois começa a sentir o pesar de sua responsabilidade.

Adentrando na questão de um dos estágios da consciência, o *ser-para-si*, que segundo Huisman (2001, p. 130), “designa ao mesmo tempo a consciência de si, a consciência pura e a consciência de alguma coisa”. Assim, esse estágio da consciência serve para indicar que a pessoa fica totalmente consciente do que está fazendo e, conseqüentemente, também das decisões que toma.

E nos últimos versos ressalta a questão da sua existência ao mencionar que: “P’ra que amar a existência / Árdua, mesquinha e tão dura?!...” (REIS, 2018, p. 193). Isso evidencia que o eu lírico se interroga sobre sua existência, tentando assim, encontrar respostas para tal situação difícil na qual se encontra no momento, porém, é perceptível que ele age de má-fé. Conforme Silva (1997, p. 84), “Eu posso renunciar à liberdade, mas só posso fazê-lo de má-fé, pois, só usando da minha liberdade, é que eu posso renunciar à liberdade”. Sendo que, o eu lírico do poema tem a escolha de parar de se sentir assim, mas prefere permanecer no

mesmo estado em que já se encontrava, pois como sabemos, o homem está condenado a liberdade e se ele se encontra nesse estado é por pura escolha.

Na próxima estrofe, ele vai continuar a enfatizar a sua tristeza e insatisfação com a sua existência enquanto ser humano, ou seja, com a sua própria vida, como bem veremos a seguir:

P'ra que viver, se esta vida  
É martírio eterno, e lento?  
E frágoa a existência,  
É século cada momento:  
P'ra que a vida, Senhor,  
Se a vida vale um tormento!!!....

(REIS, 2018, p. 193).

Nessa estrofe, o eu lírico inicia os primeiros versos da estrofe com a seguinte indagação “P'ra que viver, se esta vida É martírio eterno, e lento?” (REIS, 2018, p. 193). Ou seja, a total liberdade de escolher sair do sofrimento ou permanecer com uma vida tão martirizada cabe somente a ele, que de acordo com a autora Silva (1997, p. 84), “A liberdade é pesada. Tem caráter opressivo ao sobrecarregar os meus ombros com o peso do meu ser, e com o peso do mundo”. Assim, quando ele toma consciência de que a liberdade de escolha do que está vivendo é somente dele e de mais ninguém, começa a sentir o peso da responsabilidade de suas próprias escolhas.

É notório aqui que ele destaca o seu total desinteresse de continuar vivendo ao alegar que não passa de um grande sofrimento sem fim, coincidindo justamente com a ideia que Sartre tem sobre a liberdade, na qual Silva vai mencionar que “tem como ponto de partida a liberdade nas ações de escolher, o que fazer é sempre intencional, ou seja, é impulsionado por um desejo consciente dos princípios dessa escolha” (SILVA, 2013, p. 94). Desse modo, o eu lírico do citado poema tem a total liberdade de escolher viver ou não, sendo que essa escolha cabe somente a ele e a mais ninguém. E nos últimos versos, percebe-se ainda mais o seu descontentamento com a vida ao afirmar: “P'ra que a vida, Senhor / Se a vida vale um tormento!!!....” (REIS, 2018, p. 193), ou seja, o eu lírico exclama que a vida dele vale um tormento, de tão sofrida e torturante, que por esse motivo não vale mais a pena continuar levando uma vida de aflição e angústia.

Passando agora para a estrofe seguinte do poema, a vontade do eu lírico de cessar a sua própria vida se torna ainda mais forte, pois ele vai mencionar o termo sepultura, que está relacionado à morte:

Dá, Senhor meu Deus, que breve  
 Se me antolhe a sepultura:  
 Que vale a vida seus gozos,  
 Que vale sonhar ventura,  
 E trago, a trago esgotar,  
 Fundo cálice de amargura!

(REIS, 2018, p. 193).

É notável que ao iniciar a estrofe, o eu lírico faz um pedido a Deus para que breve ele fosse para uma sepultura, ou seja, sua única visão naquele momento de aflição é de querer morrer e mais a frente ele reafirma: “Que vale a vida seus gozos / Que vale sonhar ventura,” (REIS, 2018, p. 193). Ou seja, é visível que o eu lírico encontra-se em angústia, pois como afirma Silva (1997, p. 88), “qualquer tentativa de colocar a liberdade sob a tutela do ser termina provocando a angústia, pois revelará a insuficiência de ser, que é a realidade humana”.

No tocante a esse sentimento de angústia, citando novamente Silva (1997, p. 87), “A liberdade e a consciência se circunscrevem reciprocamente. A consciência, sendo um poder nadificador, repele o determinismo. Nenhum estado de fato motiva por si mesmo qualquer ato, nenhum ato pode levar a consciência a se definir e a se determinar”. Desse modo, para o eu lírico de nada adiantava os prazeres e sortes da vida, pois no final da estrofe afirma que por mais que em alguns momentos vivenciasse alegrias, de nada valeria a pena porque tudo se esgotaria como um gole que se bebe de uma só vez, transformando-se em tristeza: “E trago, a trago esgotar / Fundo cálice de amargura!” (REIS, 2018, p. 193).

Partindo nesse momento para a oitava estrofe do poema, será visível ainda mais a sensação do eu lírico de se sentir como um morto, principalmente devido a algumas emoções que serão desveladas:

Mas, eu não – não tenho amores,  
 Não me anima uma ilusão;  
 Meu sonhar é vago anseio,  
 Que mais me dobra a aflição;  
 Sinto gelado meu peito,  
 Sinto morto o coração.

(REIS, 2018, p. 194)

No começo da estrofe o eu lírico passa um sentimento de angústia ao afirmar que não tem amores, justificando-se no segundo verso ao dizer: “Não me anima uma ilusão” (REIS, 2018, p. 194), assim, é como que aqui ele estivesse se portando como um simples objeto sem perceber o que acontece ao seu redor e parece querer continuar dessa maneira. E no final da estrofe, parece que o eu lírico não ter amores em sua vida sente-se como uma

pessoa morta ao dizer que “Sinto gelado meu peito / Sinto morto o coração.” (REIS, 2018, p. 194).

Com isso, fica evidente seu total anseio de não querer continuar vivendo a vida de amarguras e ilusões que só o fazem sofrer, despontando como consequência disso um dos pilares antológicos sartreanos, o *em-si*, o qual Huisman vai afirmar que “Existir ‘*em si*’, para o homem é viver privado de consciência, sem interioridade, sem subjetividade, como puro objeto” (HUISMAN, 2001, p. 130). Dessa forma, quando o eu lírico se mostra com um coração gelado, é possível visualizar nas entrelinhas da estrofe do poema, o *em-si*, pois ele não sente nada e coloca a culpa do seu sofrimento e angústia no fato de não ter vivido amores.

Dessa maneira, na estrofe conseguinte a ideia de não se sentir mais com vida se tornará ainda maior, conforme constataremos a seguir:

Morto... morto, nem palpita,  
 Que funda dor o matou!  
 Que foram desses anelos,  
 Dos sonhos que o embalou?  
 Tudo... tudo jaz desfeito...  
 Tudo, meu Deus... acabou!

(REIS, 2018, p. 194).

O eu lírico inicia a penúltima estrofe reafirmando o que havia dito na estrofe anterior sobre sentir seu coração morto: “Morto... morto, nem palpita / Que funda dor o matou!” (REIS, 2018, p. 194), ou seja, quando ele repete o termo “morto” duas vezes, ele enfatiza a sensação de um morto, que foi dilacerado por alguma dor.

Na última estrofe do poema, o eu lírico continua aflito e a implorar sua morte, exatamente como o fez na primeira estrofe do poema:

Dá, Senhor, que breve passe  
 Sobre a terra o meu viver!  
 É sacrifício perene  
 Tão agros dias sofrer!  
 Dá que breve sob a lousa  
 Meu corpo vá se esconder.

(REIS, 2018, p. 194).

Com isso, ao iniciar a estrofe ele enfatiza o seu pedido aflito de que seu viver fosse breve, justamente por não suportar mais dores e aflições que tanto tem passado, assim, em relação ao seu viver afirma que: “É sacrifício perene /Tão agros dias sofrer!” (REIS, 2018, p.194). Assim sendo, para ele a sua vida não passa de um sacrifício eterno e com sofrimentos bastante amargos, o qual não quer continuar a sentir mais.

Por isso, ao findar o poema o eu lírico almeja que breve esteja morto ao mencionar as seguintes palavras nos últimos versos do poema: “Dá que breve sob a lousa Meu corpo vá se esconder” (REIS, 2018, p. 194), ou seja, fica ansiando que sem demora o seu corpo sem vida esteja debaixo de uma sepultura; que em seu pensamento é uma forma de se esconder de tudo aquilo que só o tem machucado em vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente trabalho, constatamos que existe uma estreita e rica relação entre filosofia e literatura, pois ambas caminham juntas desde muito tempo atrás. Levando assim em consideração que existe uma aproximação entre a escrita de Maria Firmina dos Reis e a corrente existencialista, pois encontramos, mesmo que implicitamente, algumas temáticas do Existencialismo na sua produção poética.

Notamos também no desenrolar dessa escrita monográfica, com ênfase na existência humana e em alguns temas relevantes do existencialismo de Sartre, que o comportamento humano sempre causou e causa algum impacto negativo ou positivo na própria pessoa ou na sociedade que está em sua volta, por isso, é de suma importância para o acréscimo de nosso conhecimento, buscarmos entender sobre as emoções e atitudes dos homens, que por vezes, não conseguimos compreender muito bem.

Sendo que, se buscássemos compreender as emoções e modos de agir de pessoas do nosso convívio social na perspectiva sartriana, seria muito mais fácil ajudá-las a lidar com os seus próprios sentimentos, uma vez que, certas atitudes negativas conseguiriam ser evitadas.

E a obra mais importante e reconhecida de Jean-Paul Sartre até aos dias de hoje é *O Ser e o Nada*, na qual ele tratou a respeito da própria existência humana, além dos três tipos de consciência humana, o *ser-em-si*, o *ser-para-si* e o *ser-para-outro*, que já foram bem explanados no capítulo 1 desse trabalho.

Porquanto, no estado de *em-si* o homem é comparado a um objeto que não tem conhecimento do que acontece ao seu redor, diferentemente no estado *para-si* que ele já tem plena consciência do que acontece ao seu redor e no terceiro estado *para-outro*, ele é consciente consigo mesmo e que suas atitudes e escolhas afetam não somente a si mesmo, mas também aos outros que estão a sua volta.

Assim, a partir desses conceitos, realizamos as análises para encontrar marcas do Existencialismo nas composições poéticas de Maria Firmina dos Reis, cumprindo assim o real objetivo desse nosso trabalho, pois vimos alguns temas tratados por Sartre na sua filosofia existencialista nos poemas da escritora em pauta, tais como, a angústia, a liberdade de escolha, a tristeza, a morte, a má-fé, etc.

E no tocante a todas essas pesquisas realizadas em prol desse trabalho de conclusão de curso, foi possível perceber sim, a interdisciplinaridade entre literatura e

filosofia, sendo que no decorrer de todo o processo minucioso de análises do corpus do texto, identificamos marcas e vestígios da corrente existencialista do filósofo Sartre nos poemas da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis.

E essas marcas do existencialismo de Sartre encontradas na escrita da autora Maria Firmina dos Reis é uma descoberta estritamente interessante, uma vez que, ambos viveram em épocas bastante diferentes uma da outra, porém nem mesmo isso foi impedimento para que ela se utilizasse de alguns temas da filosofia existencialista em seus poemas, repassando todas os seus sentimentos para eles, pois, como já foi dito no anteriormente, filosofia e literatura caminham juntas desde muito tempo atrás.

Portanto, a realização desse trabalho traz grande contribuição para o nosso conhecimento acadêmico, por se tratar de um tema novo que não tinha sido trabalhado ainda, e justamente por isso, tivemos um pouco mais de dificuldade em pesquisas relacionadas à interdisciplinaridade de Filosofia e Literatura na poesia de Maria Firmina dos Reis.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rodrigo Michel dos Santos; NATÁRIO, Maria Celeste. **Poesia e filosofia: problemas da crítica**. Fragmento. Santa Maria: Programa de Pós-graduação em Letras, UFSM, n. 47, jan./jun. 2016.

BORNHEIM, Gerd. **O ser e o nada como cisão insustentável**. Editora perspectiva. 2016.

BRITO, Ana Paula. Et al. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 44, p. 1-15/ 2021.

CORREIA, Janaína Santos. Maria Firmina dos Reis, vida e obra: uma contribuição para a escrita da história das mulheres e dos afrodescendentes no Brasil. **Revista feminismos**. Vol. 1, N. 3 Set. – Dez. 2013.

COSTA, Fabrício Lemos da; HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira. **Filosofia e crítica e crítica literária: encontros e tensões**. Fortaleza-Volume 4, Número 1, jan./jun. 2019.

HUISMAN, Denis. **História do existencialismo**. Colaboração de Sabine Le Blanc. Tradução de Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Vozes, 2001.

Starobinski, Jean. **A tinta da melancolia: Uma história cultural da tristeza** / Jean Starobinski ; tradução Rosa Freire d'Aguiar. – 1a ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

LARA, Ângela Mara de Barros; MOLINA, Adão Aparecido. **CAPÍTULO 5 pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias**. Disponível em: <<https://gepeto.paginas.ufsc.br/files/2015/03/capitulo-angela.pdf>>. Acesso em: 26 de novembro de 2021.

LIMA, Aldemar Pereira. **O conceito de liberdade em Jean-Paul Sartre**. Teresina, 2010. 39 f. Trabalho de conclusão de Curso (licenciatura em filosofia) Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí.

LUSKA, Ivo Ribeiro; HORN, Geraldo Balduino. **O existencialismo é um humanismo**. 2006.

OLIVO, Luis Carlos Cancellier de; GRUBBA, Leilane Serratine. **Entre quatro paredes: a questão da liberdade em Sartre**. Sequência, n. 61, p. 147-169, dez. 2010.

PEREIRA, Everli Fernanda; MELLO, Tamyris Villela. **O homem e a angústia existencial em Jean-Paul Sartre**. S/A.

PINTO, Manuel da Costa. Sartre, a transparência e o obstáculo. **Revista Cult**-Maio/ 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**/ Cleber Cristiano Prodanov. Emani Cesar de Freitas – 2. Ed. – Novo Hamburgo: Feevale. 2013.

REIS, Maria Firmina dos, 1825-1917; **Úrsula e outras obras [recurso eletrônico]** / Maria Firmina dos Reis. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

RIBEIRO, Raquel Alexandra Oliveira da Silva. **Romantismo Contextualização histórica e das artes**. Dissertação (Mestrado em Música área de especialização em violoncelo) Idanha-a-Nova: Instituto Politécnico de Castelo Branco, dez. 2010. Disponível em:<<https://core.ac.uk/reader/302933460>>. Acesso em: 25 de novembro de 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Cléa Góis. **Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre**. Editora. UEL. Londrina. 1997.

SILVA, Aline Maria Vilas da. **A concepção de liberdade em Sartre**. Vol. 6, nº 1, 2013.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. Mestrado em Ciências Sociais. São Paulo, 2016. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/45652408/Maria\\_Firmina\\_dos\\_Reis\\_a\\_trajet%C3%B3ria\\_intelectual\\_de\\_uma\\_escritora\\_afrodescendente\\_no\\_Brasil\\_oitocentista](https://www.academia.edu/45652408/Maria_Firmina_dos_Reis_a_trajet%C3%B3ria_intelectual_de_uma_escritora_afrodescendente_no_Brasil_oitocentista). Acesso em: 02 de dezembro de 2021.

**ANEXOS**

**Anexo A:****Melancolia**

Oh! se eu morresse no calor da tarde,  
Da tarde amena... quando a lua vem  
Chovendo prata sobre lisos mares,  
Trajando as vestes que a pureza tem.

Então, talvez, eu merecesse afetos  
Desses que apenas alcancei sonhando:  
Talvez um pranto bem sentido, e triste  
Meu frio rosto rociasse – brando.

Sim, poetisa – mais te vale a morte  
Na flor da vida – a sepultura, os céus...  
Porque na terra teu sofrer, tuas mágoas,  
Martírios, dores só compreende – Deus.

Oh! venha a morte no cair da tarde  
Roubar-me a vida, que a ninguém comove;  
Venha impassível... me penetre o seio,  
A crua fouce que sua destra move.

E o sepulcro! Tão gelado, e mudo,  
Eu o saúdo! companheiro nu!  
Oh! sim, sepulcro, te darei meus cantos,  
Se terno afeto me dispensas tu.

Na vida é estéril meu amargo canto;  
Um peito humano a me escutar não vem,  
Me apraz a campa, que em silêncio eterno,  
Bebe esses prantos, que a alvorada tem.

Inda me resta o correr da vida  
Essa esperança de morrer... é só  
A que me alenta, que me guia os passos,  
Té que meu corpo se desfaça em pó.

(REIS, 2018, p. 214).

**Anexo B:****Súplica**

Dá, Senhor, que breve passe  
 Sobre a terra – o meu viver;  
 Bem vês, a flor desfalece  
 Da tarde no esmorecer;  
 Entretanto a flor é bela,  
 É bela de enlouquecer.

Mas eu triste, – eu que na vida  
 Só hei provado amargura,  
 Que o sonho de um doce gozo  
 Não permite a desventura,  
 P'ra que amar a existência  
 Árdua, mesquinha e tão dura?!...

P'ra que viver, se esta vida  
 É martírio eterno, e lento?  
 E frágoa a existência,  
 É século cada momento:  
 P'ra que a vida, Senhor,  
 Se a vida vale um tormento!!!....

Dá, Senhor meu Deus, que breve  
 Se me antolhe a sepultura:  
 Que vale a vida seus gozos,  
 Que vale sonhar ventura,  
 E trago, a trago esgotar,  
 Fundo cálice de amargura!

Que importa a mim, se no bosque,  
 Canta a mimosa perdiz?  
 Seu canto tão repassado

De amores, – o que é que diz?

Assim da brisa o segredo,

Da flor o grato matiz!...

A onda, que molemente

Na erma praia passeia,

Sente deleite beijando

A branca, mimosa areia,

A onda goza... e eu triste!

Nada me apraz, me recreia.

O vate pulsando a lira,

Embora banhada em pranto,

Sente ungir-lhe o peito aflito

Bálsamo, puro, e bem santo,

Se ele inspirado desfere

Seu dulio, mimoso canto.

Mas, eu não – não tenho amores,

Não me anima uma ilusão;

Meu sonhar é vago anseio,

Que mais me dobra a aflição;

Sinto gelado meu peito,

Sinto morto o coração.

Morto... morto, nem palpita,

Que funda dor o matou!

Que foram desses anelos,

Dos sonhos que o embalou?

Tudo... tudo jaz desfeito...

Tudo, meu Deus... acabou!

Dá, Senhor, que breve passe

Sobre a terra o meu viver!

É sacrificio perene  
Tão agros dias sofrer!  
Dá que breve sob a lousa  
Meu corpo vá se esconder.

(REIS, 2018, p. 193-194).